

# ÍNDICE

- 08 **VOLUME 03: NOTA INTRODUTÓRIA**
- 14 **FIGURA: BONECOS DE SANTO ALEIXO**
- 16 **CONVERSAS COM... JOSÉ RUSSO** Director do Centro Dramático de Évora
- 32 **BONECOS DE SANTO ALEIXO** Christine Zurbach
- 38 **FOTOGRAFIA** Augusto Brázio
- 54 **POVO QUE CANTA - TEXTOS**





# POVO QUE CANTA

Textos de Michel Giacometti

1.<sup>a</sup> Série | Episódios 9 a 11

Gravação: 1970. Abril [1.<sup>a</sup> campanha];

1970. Maio-Junho [2.<sup>a</sup> campanha];

1971. Junho [3.<sup>a</sup> campanha]

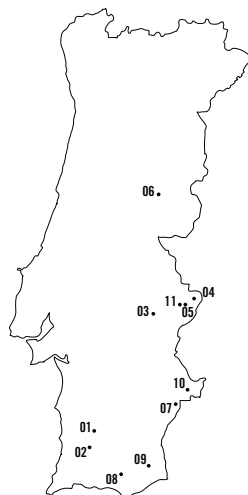
Transmissão na RTP: 1971. Novembro-Dezembro

2.<sup>a</sup> Série | Episódio 12

Gravação: 1970. Abril [1.<sup>a</sup> campanha];

1970. Maio-Junho [2.<sup>a</sup> campanha];

Transmissão na RTP: 1972. Janeiro



## LOCAIS

**01.** Beja. Odemira, AMOREIRAS

**02.** Beja. Odemira, Sabóia: MONTE DO TOTENIQUE DA CASTANHA

**03.** Évora. Estremoz, ESTREMOZ

**04.** Portalegre. Campo Maior, CAMPO MAIOR

**05.** Portalegre. Elvas, SÃO VICENTE E VENTOSA

**06.** Castelo Branco. Fundão, ALCONGOSTA

**07.** Beja. Serpa, VILA VERDE DE FICALHO

**08.** Faro. Loulé, SALIR

**09.** Évora. Faro, Alcoutim, Vaqueiros: MONTE DE CABAÇOS

**10.** Beja. Moura, SANTO ALEIXO DA RESTAURAÇÃO

**11.** Portalegre. Elvas, BARBACENA

## TEXTOS/ EPISÓDIOS

### **A VIOLA CAMPANIÇA E O DESPIQUE NO BAIXO ALENTEJO**

[Data de transmissão: 1971. Novembro. 29]

Beja. Odemira, AMOREIRAS

Beja. Odemira, Sabóia: MONTE DO TOTENIQUE DA CASTANHA

### **UM INSTRUMENTISTA POPULAR**

[Data de transmissão: 1971. Dezembro. 13]

Évora. Estremoz, Estremoz

### **O CICLO DOS DOZE DIAS: I. CANTOS DE NATAL E JANEIRAS**

[Data de transmissão: 1971. Dezembro. 27]

Portalegre. Campo Maior, Campo Maior

Portalegre. Elvas, São Vicente e Ventosa

Castelo Branco. Fundão, Alcongosta

Beja. Serpa, Vila Verde de Ficalho

Faro. Loulé, Salir

### **O CICLO DOS DOZE DIAS: II. CANTOS DE JANEIRAS E REIS<sup>1</sup>**

[Data de transmissão: 1972. Janeiro. 10]

Évora. Faro, Alcoutim, Vaqueiros: MONTE DE CABAÇOS

Beja. Moura, SANTO ALEIXO DA RESTAURAÇÃO

Portalegre. Elvas, BARBACENA

---

<sup>1</sup> Não foi localizado o guião.

## OBSERVAÇÕES

Editam-se os últimos três filmes da primeira série, e o primeiro da segunda série. Foram transmitidos entre Novembro de 1971 e Janeiro de 1972. Embora pertençam a séries diferentes, os dois últimos fazem parte da mesma intenção: ilustrar os cantos praticados a Sul da Serra da Estrela no Ciclo dos 12 Dias, ou seja, do tempo que vai do Natal aos Reis. A divisão em séries prende-se com os anos civis em que a série foi transmitida. Existe um esforço inicial para que os episódios sejam transmitidos em momentos do ano que sejam de fácil associação entre a gravação e o tempo que ocorre.

O primeiro filme aqui editado é sobre o canto de despique e a viola campaniça. Será todo gravado em Odemira. Entrevistam Manuel do «Cerro», que estava de férias em Amoreiras, e não em São Martinho das Amoreiras, como é referido. Este último era metalúrgico na Siderurgia Nacional, vivia na Torre da Marinha, Margem Sul do Tejo, e dedicava-se nos tempos livres a arranjar violas de arame. Atente-se à dificuldade de nomeação da viola no diálogo mantido entre os três intervenientes: Manuel Jorge Veloso, Manuel do «Cerro» e Michel Giacometti.

Nesta localidade gravam uma tentativa de canto improvisado, onde participam Francisco Guerreiro e Bárbara Joaquina, esta última ainda viva, e residente no Lar de São Martinho das Amoreiras.

Mas será no Monte do Totenique da Castanha, Sabóia, que gravarão toques de viola e um canto de improviso. Tal encontro foi previamente combinado, antes da ida para o Algarve. Do contacto havido com os intervenientes ainda vivos, um dos quais residente em Sabóia, percebe-se que este é dos poucos que recorda claramente todo o processo.

Este monte está hoje quase desabitado. Residem ali apenas duas pessoas. Na altura, 1970, viveriam cerca de 30 pessoas neste casario abandonado.

O segundo filme é totalmente dedicado a Manuel Jaleca, e será filmado junto a Estremoz.

O contacto de Giacometti com os bonecos é mediado por Gustavo Marques e membros do então já extinto Cineclub de esta cidade, que formarão depois o Círculo Cultural de Estremoz. Aproveita-se para este episódio sons gravados anteriormente e fotografias de Gustavo Marques.

Não foi identificada o homem que em determinados momentos está junto a Manuel Jaleca, mas que não será Talhinhas, com quem este sempre teve uma relação muito difícil.

Os terceiro e quarto filmes reúnem registos efectuados em todo o Sul de Portugal, entendendo Sul como todo o território para baixo do maciço da Estrela.

Embora se registem cantos diversos associados ao Ciclo dos 12 Dias, importa ter em conta que Giacometti tem também o interesse em provar que a polifonia religiosa em Portugal era um dos mais valiosos patrimónios musicais. E a gravação com qualidade de espécimes importa para o seu arquivo.

As diferentes gravações têm históricos diversos. Em alguns locais, Michel Giacometti tinha lá estado dez anos antes, noutros existe uma primeira vez. Em Campo Maior, aproveitando elementos de um rancho folclórico, a gravação do belíssimo registo de um canto de arrieiro decorre na casa de uma das famílias mais ricas desta vila.

Por fim, que não se estranhe o uso de uma oração para as almas num canto da Noite de Reis. Era uma prática comum. No Alentejo, o romance *Quais são os três cavalheiros* estava quase extinto. O Canto das Almas, que Giacometti grava em muitos locais para esta série, surge no século XVIII para prover as capelas.

## 9.º PROGRAMA

### A VIOLA CAMPANIÇA E O DESPIQUE NO BAIXO ALENTEJO (Fragmentos de um inquérito)

29 de Novembro de 1971



1. A RTP acompanhou Michel Giacometti num inquérito difícil que visava por a descoberto os últimos construtores de um instrumento popular: a viola campaniça, outrora bastante divulgada no Baixo Alentejo, por onde irradiava a partir da Feira de Castro Verde. Tentar-se-ia ainda, na base da informação recolhida localmente, encontrar os eventuais possuidores do instrumento e, do mesmo modo, quem o soubesse tocar.
2. A viola campaniça, de uma bela sonoridade, acompanhava os bailes populares da região, assim como o despique, canto ao desafio, que o nosso inquérito procuraria registar no próprio ambiente.
3. A RTP está em S. Martinho das Amoreiras, freguesia do concelho de Odemira, distrito de Beja. Conseguimos localizar um dos últimos construtores de viola campaniça, que, na verdade, pouco tem que fazer, a não ser consertar de tempos a tempos os raros instrumentos que subsistem na região. Apresentamos breves momentos deste primeiro inquérito.
4. Ainda em S. Martinho das Amoreiras. Estamos em casa de um tocador de viola campaniça, que na terra tem fama de artista, mas o nosso amigo está um tanto destreinado e o instrumento, ao que parece, sofre do mesmo mal.
5. Prosseguimos na nossa busca. Entretanto, notamos que a viola campaniça é a mais



comprida das violas portuguesas e que o seu encordoamento de arame mostra as «primas» e as «segundas» em aço, as «terceiras» ou «toeiras» e as «quintas» em metal amarelo, e as «quartas» com bordão e corda de prima em aço.

**6.** Acabámos por descobrir o intérprete, diremos... ideal, no monte de Totenique, na freguesia de Sabóia, concelho de Odemira. O nosso homem, mau grado a idade, corre ainda todas as festas e feiras das redondezas onde canta e toca até de madrugada.

**7.** E agora estamos reunidos com o grupo de homens – os mais afamados cantadores de despique do sítio. Neste local, gentilmente cedido para o efeito e onde não faltam os ingredientes do rigor para um desafio em regra. A RTP vai filmar uma longa hora de despique. Os intérpretes depressa se esquecem das câmaras e a imaginação e a fantasia têm livre curso. A viola acompanha imperturbavelmente e como que alheia à disputa.

**8.** O despique, portanto, é um canto ao desafio, em estilo de melopeia primitiva, de difícil improviso, por não se poder «pisar o ponto», segundo a terminologia local, quer dizer, não se poder repetir no fim de um verso uma palavra que já tivesse sido cantada por um dos comparsas. Este canto, que tem paralelo em várias zonas da bacia mediterrânea e no Oriente, tem por certo uma função festiva à qual não é estranha, no entanto, a sátira maliciosa, a crítica social e uma certa filosofia que tem as suas raízes no vasto complexo de uma antiga cultura, hoje em desagregação.

**9.** Aqui tivemos hoje outro exemplo, significativo, de um canto singular que, pelo seu estilo, pela sua função na realidade em que se insere, apresenta características dignas de um registo minucioso, onde e sempre que seja possível.

O despique, na sua forma original, tem raros intérpretes, homens de idade, cuja voz já não segura o canto. Os mais novos, como vimos, quando integrados num despique, fogem à melopeia ancestral e procuram efeitos fadistas a que os mais velhos nem sempre são insensíveis. O que sobrevive hoje ao despique tradicional, portanto, e salvo raras exceções, é uma expressão híbrida que, não deixa de ter o seu interesse como produto de aculturação.

Ao concluir este programa, voltamos a citar Béla Bartok: «Nenhum país pode ficar indiferente à recolha da música popular nos outros países e aos métodos científicos desejáveis.

Um país que não recolhe a sua música popular pode paralisar em certa medida o trabalho científico dos outros países.»

Salientemos para melhor compreensão do texto, que Béla Bartok utiliza a expressão «música popular» no sentido original de música do camponês, música a que nós chamamos, por razões já referidas, «música regional».

## 10.º PROGRAMA

### UM INSTRUMENTO POPULAR: Manuel Jaleca da companhia dos bonequeiros de Santo Aleixo

13 de Dezembro de 1971



Filme realizado com a colaboração do Círculo Cultural de Estremoz

1. Junho de 1970. Nas imediações de Estremoz.
2. Michel Giacometti, com a colaboração do arquitecto Gustavo Marques e do Círculo Cultural de Estremoz, levou a efeito, durante os anos de 1965, 66, 67 e 68, um inquérito junto dos Bonequeiros de Santo Aleixo: a família de António Talhinhos e um ancião, Manuel Jaleca, aqui presente.
3. A RTP acompanhou o etnólogo, para um inquérito complementar junto de Manuel Jaleca. Passados poucos meses, Manuel Jaleca era atacado por uma grave doença que desde então o imobilizou. Este filme é-lhe dedicado como simples testemunho da sincera admiração.
4. Manuel Jaleca, filho de Manuel Joaquim Vestias e de Clemência de Jesus Nepomuceno, nasceu em 1893. Sabe ler e escrever, tendo aprendido com os seus companheiros de trabalho. As suas leituras foram quase exclusivamente a Bíblia, Camões, a Vida de Carlos Magno e os Últimos Dias de Jerusalém. Exerceu as profissões de trabalhador rural, carvoeiro, pedreiro e por fim, de calceteiro da Câmara Municipal de Estremoz.

**5.** Ainda rapaz, Manuel animava com a sua guitarra (e também com o seu harmónio) os bailes da região, até que, por volta de 1921, entrou para a Companhia dos Bonequeiros de Santo Aleixo, que era dirigida por um parente seu, com cuja filha viria a casar.

**6.** É por altura de 1940 que, após a morte do sogro, Manuel Jaleca organiza, de parceria com António Talinhas (a cujo serviço entrará um pouco mais tarde), uma nova companhia – justamente a que em 1967 se exibiu em Lisboa.

**7.** Há portanto 45 anos que Manuel Jaleca sublinha com a sua guitarra as peripécias de piedosos e irreverentes autos, de maliciosos sainetes, de picarescas farsas, nos quais, de resto, encarna os papéis de Pai Eterno, Padre Chancas, Caim, São José, etc. Acrescentaremos que, até há pouco, essas representações eram seguidas de bailes destinados à assistência, bailes de que Manuel Jaleca era ainda animador.

**8.** Manuel Jaleca, segundo Fernando Lopes-Graça, «apresenta-se-nos de certo modo, como o herdeiro de uma antiga tradição peninsular: a dos guitarristas clássicos, cuja arte se baseava em grande parte na glosa de cantos populares ou popularizados».

**9.** Algumas das músicas que Manuel Jaleca apresenta neste programa achavam-se bastante em voga há uns decénios e Fernando Lopes Graça faz notar ainda o «dissonantismo instintivo e ingenuamente praticado que confere a estas músicas um cunho particular, um sabor até certo ponto exótico».

**10.** Para fechar este programa citaremos o grande folclorista que foi Constantim Brailoiu: «A melodia popular existe verdadeiramente apenas no momento em que é cantada ou tocada e vive apenas pela vontade do seu intérprete e da maneira por ele desejada. Criação e interpretação confundem-se aqui, de um modo que a prática musical, baseada em textos escritos ou impressos, ignora em absoluto.»

## 11.º PROGRAMA

### O CICLO DOS DOZE DIAS (1.ª parte): CANTO DA NATIVIDADE E JANEIRAS

27 de Dezembro de 1971



1. A equipa de *Povo que Canta*, registou alguns dos cantos religiosos ou de feição religiosa que, com maior ou menor grau de assiduidade, participam ainda hoje nos ritos e cerimónias tradicionais do chamado «Ciclo dos Doze Dias» (do Natal até aos Reis).

Neste ciclo de festas, nem todos os elementos são cristãos. Nesta tradição dos «presépios» e «autos pastoris», do «madeiro ou cepo do Natal», das «consoadas», dos «hinos e novenas» ao Menino, das trocas de Boas Festas, dos cantos de peditórios de Janeiras e de Reis, aparecem resíduos de velhos cultos a lembrar a coincidência do Natal com o Dia do Sol, cujas práticas festivas se espalharam desde o Irão até ao Império Romano.

Em Roma, precisamente, as Festas Saturnais de 17 a 23 de Dezembro, constavam de banquetes, em que havia troca de presentes: nesses dias os amos serviam os escravos à mesa.

2. Campo Maior, vila do distrito de Portalegre, Alto Alentejo.

3. Em Campo Maior, como em quase todas as povoações rurais do país, é tradição na noite do dia 24, juntarem-se grupos de homens e mulheres em casa dos familiares para entoar hinos ao Menino.

4. A ronca ou sarronca acompanha os cantos da Natividade, especialmente nas localidades das zonas raianas. Este instrumento primitivo, de origem incerta – mas cuja utilização

nas Festas do Natal é já referida na Estremadura Espanhola num texto que data de 1429 – encontra-se ainda hoje, e com a mesma função, em vários países da Europa: Itália, Espanha, França, Bélgica e Holanda.

**5.** A ronca é constituída por um púcaro de barro ao qual se adapta um pedaço de pele de anho, solidamente atado, pelo qual passa um junco.

**6.** Povo de São Vicente, no concelho de Elvas, distrito de Portalegre.

Parte da população juntou-se para cantar modas ao Menino. Não falta o entusiasmo mas a tradição morreu com os mais velhos e dela apenas sobrevivem vestígios que não participam da vida espiritual dos mais jovens. Notamos a sarronca local diferente da de Campo Maior, na sua estrutura e conformação, sobrevivência como que exótica num meio estranho.

**7.** Em Alcongosta, no concelho de Fundão, distrito de Castelo Branco, recolhemos parte do reportório religioso tradicional, de que hoje apresentamos apenas um Canto ao Menino.

**8.** De regresso a Ficalho, no distrito de Beja, onde já registamos a «Moda da Lavoura» incluída na primeira rubrica de *Povo que Canta*. Um grupo de homens, quase todos trabalhadores rurais, reunidos por «Mestre Bento», barbeiro de profissão, vai cantar a «Moda do Menino», do reportório tradicional de Ficalho – a nosso ver, um dos mais valiosos espécimes da música coral sul alentejana, pela gravidade e rigor da expressão.

**9.** Notamos que o Baixo Alentejo, pouco dado aos cantos religiosos, é talvez das regiões mais pródigas do país em cantares alusivos ao nascimento do Menino. O homem sul alentejano, por razões a que a sua condição social e económica talvez não seja estranha, canta modas cuja linha severa não impede uma certa ternura ao Menino nascido em «tão pobres agasalhos, que até parece impossível» como dirá um dos nossos amigos de Ficalho.

**10.** Salir, no concelho de Loulé, distrito de Faro. Aí recolhemos uma abundante documentação, integrada, em parte, no nosso terceiro programa. Nele, o Senhor José de Sousa tocou uma flauta de cana e o Senhor António Rosa de Assunção disse-nos histórias e décimas de sua autoria.

Hoje, e para concluir este programa, daremos a conhecer um curto fragmento de um canto de Janeiras – canto de peditório, que como costume em numerosas povoações rurais de Norte a sul do país é geralmente entoado às portas das pessoas mais abastadas, na noite de 31 de Dezembro.

## 12.º PROGRAMA

### O CICLO DOS DOZE DIAS (2.ª parte): CANTO DE JANEIRAS E REIS



Não foi localizado o guião.